

18 páginas

OK Adol!

woyzeck

(um fragmento)

georg büchner.

PERSONAGENS :

- Woyzeck
- Marie
- Capitão
- Médico
- Tamboreiro-mor
- Andres
- Margret
- Dono da loja
- Charlatão de Feira
- Velho do Realejo
- Judeu
- Hospedeiro
- Primeiro aprendiz de trabalhos manuais
- Segundo aprendiz de trabalhos manuais
- Bufão
- Avó
- Käthe
- Policial
- Soldados, Estudantes, Rapazes e Môças, Crianças, Povo e outros

Handwritten note: Maria 2ª A

~~Handwritten scribbles~~ A.F.S.

com a consciência tranqüila. Mas diga alguma coisa, Woyzeck! Como está o tempo?

WOYZECK — Mau, senhor Capitão, mau. Muito vento.

CAPITÃO — Já estou sentindo; é como se alguma coisa corresse lá fora. Esse vento age sobre mim como um rato. (*Manhoso.*) Acho que vem na direção sul-norte.

WOYZECK — Isso mesmo, senhor Capitão.

CAPITÃO — Ha, ha, ha! Sul-norte! Ha, ha, ha! Oh, como ele é bôbo, como é lastimavelmente bôbo! (*Comovido.*) Woyzeck é um bom homem... Mas (*Com dignidade.*)

Woyzeck não tem moral. Moral é quando a gente tem moralidade, entende? É uma bela palavra. Tem um filho sem a bênção da Igreja, como diria nosso reverendíssimo capelão. Sem a bênção da Igreja, e não é meu.

WOYZECK — Senhor Capitão, o bom Deus não deixará de cuidar do pobre vermezinho, só porque não disseram "amém" antes de ser feito. O Senhor disse: Vinde a mim as criancinhas!

CAPITÃO — O que é que ele está dizendo? Que resposta mais curiosa é esta? A resposta me deixa todo confuso. E quando digo ele, refiro-me a você, a você...

WOYZECK — Nós, os pobres... Sabe, senhor Capitão, o dinheiro, o dinheiro! Quem não tem dinheiro... Às vezes, um de nós coloca um dos nossos diante da moralidade do mundo. Também temos carne e sangue. Pois não somos mesmo desgraçados, neste mundo e no outro? Acho que, se chegássemos ao céu, teríamos de ajudar a fazer os trovões.

CAPITÃO — Woyzeck, você não tem virtudes, você não é virtuoso. Carne e sangue! Quando estou à janela, depois da chuva, e vejo as meias brancas passando, pulando através das vielas... Diabo, Woyzeck, o que me dá é amor. Eu também tenho carne e sangue. Mas Woyzeck, há a virtude, a virtude! E como eu deveria passar o tempo?

Digo sempre a mim mesmo: você é um homem virtuoso (*Comovido.*), um homem bom, um homem bom.

WOYZECK — Sim, senhor Capitão, a virtude. Eu não tenho. Sabe, nós, a gatinha, nós não temos virtude, nós só seguimos a natureza. No entanto, se eu fôsse um senhor, se eu tivesse um chapéu, um relógio e uma bengala, e se soubesse falar bem, então seria virtuoso, senhor Capitão. Mas eu sou um pobre coitado.

CAPITÃO — Está bem, Woyzeck. Você é um homem bom, um homem bom. Mas pensa demais, isso dói. Você está sempre tão apressado. Essa conversa esgotou-me inteiramente. Agora vá embora e não corra tanto; devagar, desça a rua bem devagar!

CAMPO ABERTO. A CIDADE À DISTÂNCIA.

(*Woyzeck e Andres colhem varas nos arbustos.*)

ANDRES (*Assovia.*)

WOYZECK — É, Andres, esse lugar é maldito. Está vendo aquela faixa desbastada, acima do capim, ali onde crescem os cogumelos? É ali que as cabeças rolam, de noite. Um dia, um sujeito quis pegar, pensando que era ouriço: ficou três dias e três noites deitado na serragem. (*Baixo.*) Andres, foram os maçons, já sei, foram os maçons. Silêncio!

ANDRES (*Canta.*) — Lá estavam dois coelhos. comendo o verde, verde capim...

WOYZECK — Silêncio! Está ouvindo, Andres, está ouvindo? É alguém andando!

ANDRES — Comendo o verde, verde capim, Até nas suas raízes.

WOYZECK — Andando atrás de mim, debaixo de mim... (*Bate os pés no chão.*) Ouça, está ôco. Tudo ôco, lá embaixo. São os maçons!

WOYZECK (*Misterioso.*) — Marie, aconteceu de novo, muito... Não está escrito: E eis que a fumaça ergueu-se da terra, como a fumaça do fogão?

MARIE — Gente!

WOYZECK — Ficou andando atrás de mim, até o limite da cidade. O que será que vai acontecer?

MARIE — Franz!

WOYZECK — Tenho de ir embora. Hoje à noite, lá na feira! Já juntei algum dinheiro. (*Sai.*)

NO MÉDICO

(*Woyzeck. O Médico.*)

MÉDICO — O que foi que eu vi, Woyzeck? Um homem de bem! Você! Você! Você!

WOYZECK — O que foi, senhor Doutor?

MÉDICO — Eu vi, Woyzeck. Mijando na rua, no muro, como um cachorro... Ainda assim, ganhando três patacas por dia, e as refeições! Woyzeck, isto é mau. O mundo está ficando mau, muito mau.

WOYZECK — Mas, senhor Doutor, quando a natureza exige...

MÉDICO — A natureza exige, a natureza exige! Superstição, superstição medonha! A natureza! Pois eu não demonstrei que o *musculus constrictor versicae* está subordinado à vontade? A natureza! Woyzeck, o homem é livre, no homem se revela o individualismo da liberdade. Não ser capaz de conter a bexiga! É mentira, Woyzeck! (*Sacode a cabeça, põe as mãos às costas e caminha de um lado para outro.*) Já comeu suas ervilhas, Woyzeck? Só ervilhas, *cruciferae*, lembre-se disso! Na próxima semana começaremos com a carne de carneiro! Vai haver uma revolução na ciência, vou fazer com que exploda pelos ares. 0,10 de

urina, amônia amaro-salgada, hiperoxídulo... Não quer mijar de novo, Woyzeck? Vá lá dentro tentar!

WOYZECK — Não posso, senhor Doutor.

MÉDICO — (*Afetado.*) — No muro, pode! O acôrdo escrito está nas minhas mãos! Eu vi, eu vi com êsses olhos... Eu acabara de por o nariz para fora da janela, deixando que os raios de sol penetrassem nas narinas, para observar os espirros. Apanhou sapos para mim? Um cadáver? Nenhum polipo de água doce? Nenhuma hidra? Ventosas? Cristalóides? Não vá esbarrar no microscópio que acabo de colocar o dentão molar de um infusório nêle. Vou fazer com que exploda nos ares e com ela todo mundo. Nenhum ôvo de aranha, Woyzeck? Ovos de sapo? No entanto, mijou no muro. Eu vi. (*Dá-lhe um pontapé.*) Não, Woyzeck, não estou irritado: a irritação faz mal à saúde, é anti-científica. Estou calmo, muito calmo; meu pulso bate as 60 pulsações normais e eu lhe estou falando com o maior sangue frio. Deus nos guarde de nos irritarmos com os homens, os homens! Mesmo que fôssem Proteus matando a gente! Mas, Woyzeck, você não deveria ter mijado no muro...

WOYZECK — Sabe, senhor Doutor, às vêzes a gente tem um caráter assim, uma estrutura assim. Mas, com a natureza é outra coisa, sabe? Com a natureza (*Estala os dedos.*) acontece... como é que se diz?... por exemplo...

MÉDICO — Woyzeck está filosofando novamente.

WOYZECK (*Confidencial.*) — Senhor Doutor, o senhor já viu essa coisa de dupla natureza? Quando o sol está no meio-dia e parece que o mundo vai se desfazer em fogo, uma voz terrível já conversou comigo!

MÉDICO — Woyzeck tem uma *aberratio*.

WOYZECK — Pois é, senhor doutor, a natureza; quando a natureza apaga.

MÉDICO — E o que é isso: quando a natureza apaga?

TAMBOREIRO-MOR — Pare! Você a viu? Que mulher!
SUB-OFICIAL — Diabo! Feita para reproduzir regimentos de couraceiros!

TAMBOREIRO-MOR — E para entrar na criação do Tamboreiro-mor.

SUB-OFICIAL — Como traz a cabeça levantada! E os cabelos prêtos! Da gente pensar que a puxam para baixo, como um pêso. E os olhos...

TAMBOREIRO-MOR — É como olhar dentro de um poço ou de uma chaminé. Depressa, vamos atrás.

O INTERIOR DA TENDA MUITO ILUMINADA

MARIE — Que luz!

WOYZECK — Pois é, Marie, gatos negros de olhos como brasas. Que noite!

O DONO DA TENDA (*Desfilando com um cavalo.*) — Mostre seu talento! Mostre sua sabedoria animalesca! Envergonhe a sociedade humana! Meus senhores, êste animal que estais vendo, o rabo pendente, sôbre as quatro patas, é sócio de uma entidade de sábios, é professor de nossa universidade e com êle os estudantes aprendem a cavalgar e a chicotear. Isto foi simples instinto. E agora, pense, com dupla razão! O que você faz, quando pensa com dupla razão? Há um burro entre os sábios da associação? (*O cavalo sacode a cabeça.*) Estão vendo a dupla razão, agora? Isto é a animalsionômica. Êle não é um indivíduo bôbo como um animal. É uma pessoa, um ser humano, um ser humano animalesco... e ainda assim um bicho, uma bêsta. (*O cavalo comporta-se mal.*) É isso, envergonhe a sociedade. Estão vendo, o bicho ainda é natureza, natureza não-ideal! Você foi feito de pó, areia, sujeira. Quer ser mais do que pó, areia, sujeira? Olhem como é ajuizado: sabe contar e ainda assim não pode contar nos dedos.

Por que? Só não sabe exprimir, não sabe explicar... é um ser humano transmudado! Diga ao senhores que horas são! Qual dos senhores, ou das senhoras, tem um relógio, um relógio?

SUB-OFICIAL — Um relógio? (*Com um gesto grandiloqüente e estudado puxa um relógio do bôlso.*) Aqui está!

MARIE — Quero ver isso. (*Passa para a primeira fila, ajudada pelo Sub-oficial.*)

TAMBOREIRO-MOR — Que mulher!

QUARTO DE MARIE

(*Marie. O Tamboreiro-mor.*)

TAMBOREIRO-MOR — Marie!

MARIE (*Olhando-o, expressiva.*) — Dê uma volta! Um peito de boi e uma barba de leão. Não tem ninguém igual. Sou a mais orgulhosa das mulheres.

TAMBOREIRO-MOR — Devia me ver no domingo, com a pluma no chapéu e as luvas brancas, que diabo! “Êsse sujeito é um homem”, é o que o Príncipe sempre diz.

MARIE (*Zombeteira.*) — Não diga! (*Aproxima-se dêle.*) Homem!

TAMBOREIRO-MOR — E você também é u'a mulher! Que diabo, vamos começar uma criação de tamboreiros-mor? Hein? (*Abraça-a.*)

MARIE (*Aborrecida.*) — Me deixe.

TAMBOREIRO-MOR — Fera selvagem!

MARIE (*Violenta.*) — Se você me tocar...

TAMBOREIRO-MOR — É o demônio que olha em seus olhos?

MARIE — Pode ser. É tudo a mesma coisa.

mulherzinha. (*A criança soergue-se.*) Silêncio menino, feche os olhos! Lá vem o anjinho do sono! Como corre pela parede! (*Lança reflexos com o espelho.*) Feche os olhos, senão êle vai olhar dentro dêles e cegá-lo!

(*Woyzeck entra, atrás dela. Ela se assusta, pondo as mãos nas orelhas.*)

WOYZECK — O que é que você tem?

MARIE — Nada.

WOYZECK — Há um brilho sob seus dedos.

MARIE — É um brinco que eu achei.

WOYZECK — Eu nunca encontrei coisa igual; quanto mais os dois!

MARIE — E eu sou lá você?

WOYZECK — Está bem, Marie. O menino está dormindo! Segure o bracinho que a cadeira está apertando. Tem gôtas claras na testa. Só há trabalho sob o sol: suor até mesmo dormindo. Coitados de nós, os pobres! Aí está mais dinheiro, Marie: o ordenado e uma gorjeta de meu Capitão!

MARIE — Deus lhe pague, Franz.

WOYZECK — Tenho de ir embora. Até à noite, Marie! Adeus!

MARIE (*Sòzinha, depois de uma pausa.*) — Eu sou mesmo ruim! Seria capaz de me matar. Ora, que mundo! Que vá tudo para o inferno, os homens e as mulheres!

RUA

(*O Capitão. O Médico. Arquejando, o Capitão desce a*

rua, depois pára; arqueja, volta-se para trás.

CAPITÃO — Onde vai tão depressa, prezado senhor Prego de Caixão?

MÉDICO — Onde vai tão devagar, prezado senhor Rabo de Ordem Unida.

CAPITÃO — Tome tempo, prezado senhor Pedra de Sepultura.

MÉDICO — Não roubo o tempo, como o senhor, meu caro.

CAPITÃO — Senhor Doutor, não corra assim!... Não reme assim no ar, com sua bengala! Assim o senhor está se apressando para a morte. Um homem de bem, de consciência tranqüila, não corre assim. Um homem de bem (*Aspira o ar sôfregamente*)... Senhor Doutor, permita que eu salve a vida de um homem. (*Segura o Médico pelo casaco.*)

MÉDICO — Estou com pressa, senhor Capitão, estou com pressa!

CAPITÃO — Senhor Prego de Caixão, assim o senhor vai gastar as suas perninhas no calçamento. Pare de cavalgar o casaco assim no ar.

MÉDICO — Em quatro semanas ela vai morrer, a pobre mulher: um *collaps congestivus* no sétimo mês. Já tive vinte pacientes iguais. Em quatro semanas, ela pode estar certa disso.

CAPITÃO — Senhor Doutor, eu sou tão melancólico, tenho as minhas paixões. Sempre choro quando vejo meu casaco pendurado na parede.

MÉDICO — Hum! Inchado, gordo, pescoço grosso, constituição apoplética. É, senhor Capitão, o senhor poderá ser vítima de uma *apoplexia cerebri*. Mas pode ser que ela só o pegue de um lado, no qual o senhor ficará paralítico. Mas pode acontecer também, na melhor das hipóteses, que

MÉDICO (*Apressa-se atrás dêle.*) — Um fenômeno! Woyzeck, um aumento!

CAPITÃO — Esse homem me deixa tonto. Que rapidez! Esse patife alto corre depressa como a sombra fugindo das pernas de uma aranha e o baixinho coxeia atrás dêle. O alto é o raio e o pequeno o trovão. Ha, ha... Grotresco! Grotresco! Sempre atrás. Não gosto disso: um homem de bem é cuidadoso e ama sua vida. Um homem de bem não tem coragem. Os patifes é que têm coragem! Eu só fui à guerra para reforçar o meu amor pela vida. (*Sai.*)

QUARTO DE MARIE

Aqui! →
(*Marie. Woyzeck.*)

MARIE. — Bom dia, Franz.

WOYZECK (*Contemplando-a.*) — Ah, é você, ainda? É, realmente! Não, a gente não vê nada.

MARIE — Você está tão esquisito, Franz. Tenho medo.
WOYZECK (*Olha-a fixamente e balança a cabeça.*) — Hum! Não vejo nada, não vejo nada. Oh, a gente deveria poder ver, deveria poder agarrar com as mãos.

MARIE — (*Intimidada.*) O que é que você tem, Franz? Está com fúria mental!

WOYZECK — Que bela rua. Da gente andar até ficar com calos! É bom ficar na rua. É bom, também, estar com os outros.

MARIE — Com os outros?

WOYZECK — Muita gente passa na rua, não é? E você fala com quem quer, não tenho nada com isso! Ele estava lá? Lá? Lá? E junto a você? Assim? Eu gostaria de ter sido êle.

MARIE — Êle? Não posso impedir que as pessoas andem na rua e que falem enquanto andam.

WOYZECK — Nem deixar os lábios em casa. Seria pena, êles são tão bonitos. Mas as vespas gostam de pousar em cima.

MARIE — E que vespa foi que o picou? Você está louco que nem uma vaca enxotando os moscardos.

WOYZECK — Um pecado, tão gordos e tão cheios... Fedem tanto que seria possível expulsar os anjinhos do céu com seu cheiro. Sua bôca é vermelha, Marie. Nenhuma bôlha. Como é, Marie? Você é bela como o pecado. Como o pecado mortal pode ser assim tão belo?

MARIE — Franz, você está com febre.

WOYZECK — Demônio! Êle estava aqui, assim, assim?

MARIE — Enquanto o dia fôr longo e o mundo antigo as pessoas poderão estar nalgum lugar, um depois do outro.

WOYZECK — Eu o vi!

MARIE — A gente pode ver muito se tem dois olhos, se não é cega e se o sol está brilhando.

WOYZECK — Mulher! (*Precipita-se sôbre ela.*)

MARIE — Não encoste em mim, Franz. Prefiro ver um punhal no seu corpo do que sua mão no meu. Quando eu tinha dez anos meu pai não ousava tocar-me se eu olhasse para êle.

WOYZECK — Mulher! Não, é alguma coisa que você tem! Todo mundo é um abismo: se olhamos para baixo, ficamos tontos. Que seja assim. E ela age como a inocência. Está bem, inocência, você se mostra. Será que sei? Será que sei? Quem sabe? (*Sai.*)

CORPO DE GUARDA

(*Woyzeck. Andres.*)

ANDRES (*Canta.*) — A hospedeira tem ótima criada
Que canta no jardim dia e noite,
Sentada no jardim...

em verdade vos digo, de que viveriam o camponês, o pintor, o sapateiro, o médico, se Deus não houvesse criado o homem? De que viveria o alfaiate se Ele não houvesse dado aos homens o sentimento da vergonha; e o soldado, se ele não o houvesse munido da necessidade de se matar? Por isso, não duvideis... É verdade, é verdade, há a amabilidade, há a finura, mas tudo que é terreno é desgraçado e até mesmo o dinheiro apodrece. E para terminarmos, meus caros irmãos, mijemos sôbre a cruz, para que morra um judeu!

(Ao som da algazarra generalizada, Woyzeck acorda e sai correndo.)

CAMPO ABERTO

WOYZECK — Mais! Mais! Silêncio, música. (*Estira-se no chão.*) Hein? O que estão dizendo? Mais alto! Mais alto! Apunhale, apunhale a lôba! Apunhale, apunhale a... lôba! Será que devo? Devo? Estou ouvindo bem, estou ouvindo o vento? Estou ouvindo sempre e sempre: apunhale, apunhale!

HOSPEDARIA

(*Tamboreiro-mor. Woyzeck. Gente.*)

TAMBOREIRO-MOR — Sou homem! (*Bate no peito.*) Estou dizendo que sou homem. Quem vai querer alguma coisa? Que venha para diante de mim, quem não fôr uma deidade bêbeda. Bato-lhe até enfiar o seu nariz no cu. Vou... (*A Woyzeck*) Vamos, homem, beba! Queria que

o mundo fôsse aguardente, aguardente... O homem deve beber!

WOYZECK (*Assovia.*)

TAMBOREIRO-MOR — Homem, quer que lhe arranque a língua da garganta e a enrole no seu corpo? (*Lutam. Woyzeck perde.*) Quer que eu ainda lhe deixe o fôlego de uma velhota, quer?

WOYZECK (*Senta-se, esgotado e trêmulo, sôbre um banco.*)

TAMBOREIRO-MOR — Que êle assovie até estourar!

Aguardente é a minha vida,

Aguardente dá coragem!

UMA — O homem é forte.

ANDRES — Está sangrando.

WOYZECK — Uma coisa depois da outra.

UM QUARTO NA CASERNA

(*Noite. Andres e Woyzeck numa cama.*)

WOYZECK (*Sacode Andres*) — Andres! Andres! Não consigo dormir! Quando fecho os olhos, tudo fica rodando... Fico ouvindo violinos, tocando, tocando. E depois uma voz fala da parede. Você não ouve?

ANDRES — É... deixe que êles dancem! Estamos cansados, Deus nos proteja, Amém.

WOYZECK — É ela diz: apunhale, apunhale! Passa por entre meus olhos como um punhal...

ANDRES — Durma, seu tolo!... (*Torna a adormecer.*)

WOYZECK — Andres!...

PÁTIO DA CASERNA

WOYZECK — Você não ouviu nada?

A única coisa que minha mãe ainda sente é o sol brilhando sobre suas mãos... Não tem importância.

ANDRES (*Estarrecido, a tudo responde:*) — É, sim.

WOYZECK (*Puxa um papel.*) — Friedrich Johann Franz Woyzeck, miliciano, fuzileiro do 2.º Regimento, 2.º Batalhão, 4.ª Companhia, nascido a 20 de julho, Dia da Anunciação de Maria... Hoje completo 30 anos, 7 meses e 12 dias.

ANDRES — Franz, vão levá-lo ao hospital. É preciso que você beba aguardente com pólvora. Isso matará a febre.

WOYZECK — É, Andres, quando o carpinteiro junta a serragem, jamais alguém sabe quem é que vai deitar sua cabeça nela.

R U A

(*Marie com a Menina diante da porta da casa, Avó; mais tarde Woyzeck.*)

MENINA — O sol brilhava na festa das candeias,

O trigo estava florescendo.

De dois a dois eles desciam

Ao longo da campina.

Os violinistas atrás deles.

Calçavam meias vermelhas...

PRIMEIRA CRIANÇA — Não é bonito.

SEGUNDA CRIANÇA — Você sempre quer outra coisa.

PRIMEIRA CRIANÇA — Marie, cante você.

MARIE — Não posso.

PRIMEIRA CRIANÇA — Por quê?

MARIE — Por isso.

SEGUNDA CRIANÇA — Por que, por isso?

TERCEIRA CRIANÇA — Vovó, conte uma história!

AVÓ — Venham, meus caranguejinhos! Era uma vez um menino pobre, que não tinha pai, nem mãe. Tudo estava morto e não havia ninguém mais no mundo. Tudo morto. E o menino andou, procurando dia e noite. E já que não havia ninguém mais no mundo, quis ir para o céu, onde a lua olhava com tanta simpatia. E quando chegou na lua, viu que era um pedaço de madeira podre. E então foi para o sol, e quando chegou no sol, viu que era um girassol murcho. E quando chegou nas estrelas, viu que eram mariposas douradas, estavam espetadas, como se espetam os vagalumes nas árvores. E quando quis voltar para a terra, a terra era um pórtio destruído. E o menino estava sozinho. Então se sentou e chorou, e até hoje ainda está sentado, sozinho.

WOYZECK — Marie!

MARIE — (*Amedrontada*) O que é?

WOYZECK — Vamos indo. Já é hora.

MARIE — Para onde?

WOYZECK — E eu sei?

CAMINHO NA FLORESTA, JUNTO AO RIACHO

(*Marie e Woyzeck.*)

MARIE — Ali, ao longe, fica a cidade. Está escuro.

WOYZECK — Fique um pouco mais. Venha, sente-se.

MARIE — Mas eu tenho de ir.

WOYZECK — Não precisa ferir os pés de tanto andar.

MARIE — Como você está esquisito!

WOYZECK — Ainda sabe há quanto tempo foi, Marie?

MARIE — Faz dois anos, no dia de Pentecostes.

WOYZECK — E sabe quanto tempo ainda vai ser?

MARIE — Tenho de ir embora, fazer o jantar.

HOSPEDEIRO — Oh... Sangue!

WOYZECK — Acho que me cortei, aqui, na mão direita.

HOSPEDEIRO — Por que então o sangue está no cotovêlo?

WOYZECK — Eu limpei.

HOSPEDEIRO — Com a mão direita no cotovêlo direito? Você é muito hábil.

BUFÃO — E então o Gigante disse: Estou cheirando, estou cheirando carne de gente. Chi, está fedendo!

WOYZECK — Que diabo, o que é que vocês querem? Que é que têm com isso? Deixem-me passar, senão...

Diabo! Acham que matei alguém? Sou um assassino? Por que é que estão rindo? Por que não olham para si mesmos? Deixem-me passar! (*Sai correndo.*)

CAMINHO NA FLORESTA, JUNTO AO RIACHO

(*Woyzeck. (só.)*)

WOYZECK — O punhal? Onde está o punhal? Deixei aqui. Vai denunciar-me! Foi mais perto, mais perto ainda! Que lugar é este? O que estou ouvindo? Algo se move. Silêncio. Aqui perto. Marie? Ha, Marie! Silêncio. Tudo silencioso. Por que está tão pálida, Marie? Que fita vermelha é esta, passada pelo seu pescoço? Quem lhe deu a fita com os seus pecados? Eles a deixaram negra, negra. Eu a embranqueci? Por que teus cabelos prêtos estão assim desarrumados? Não teceu as tuas tranças, hoje? Há alguma coisa aqui! Fria, molhada, silenciosa! Vamos embora daqui! O punhal, o punhal! Já achei! Pois então... (*Corre até a água.*) Pois então, para o fundo! (*Joga o punhal no riacho.*) Mergulha na água escura, como uma pedra. A lua parece uma lâmina sangrenta! Será que todo mundo vai comentar? Não, está longe demais, longe do lugar onde tomam banho. (*Entra no riacho e atira o punhal longe.*)

Está bem agora... Mas, e no verão, quando mergulham à procura de conchas?... Ora, vai enferrujar, ninguém poderá reconhecer... Eu devia ter quebrado!... Será que ainda estou ensangüentado? Tenho de lavar-me. U'a mancha aqui, e aqui outra. (*Entra na água.*)

(*Chegam pessoas.*)

PRIMEIRA PESSOA — Parem!

SEGUNDA PESSOA — Está ouvindo? Silêncio! Ali!

PRIMEIRA — Uuuh! Ali! Que som!

SEGUNDA — É a água que está chamando: há muito ninguém afoga. Vamos embora. Não faz bem ouvir a água!

PRIMEIRA — Uuuh! De nôvo, agora! Como um homem, morrendo.

SEGUNDA — É apavorante! Tão opaco, nevoeiro cinza em toda parte e o zumbido dos besouros, como se fôsem sinos partidos. Vamos embora!

PRIMEIRO — Não! O som é claro demais, alto demais! Lá em cima! Vamos!

R U A

(*Crianças.*)

PRIMEIRA CRIANÇA — Vamos embora, para onde está Marie.

SEGUNDA CRIANÇA — O que houve?

PRIMEIRA CRIANÇA — Você não sabe? Todos já foram para lá. Ela está lá fora.

SEGUNDA CRIANÇA — Onde?

PRIMEIRA CRIANÇA — Do lado esquerdo, além do Carvalho, no bosque, junto à cruz vermelha.

SEGUNDA CRIANÇA — Vamos depressa, para que ainda possamos ver alguma coisa! Senão eles vão trazê-la para dentro.

NA FLORESTA, JUNTO AO RIACHO

(Bedel, Medico, Juiz.)

POLICIAL — Um bom assassinato, um legitimo assassinato, um belo assassinato. Tão belo quanto era de se

desejar. Há muito não tivemos assassinato assim.

FIM

WOYZECK — Esta com frio, Marie? E ainda assim, você é quente. Como seus lábios são quentes! Quentes... A respiração quente das putas! E mesmo assim eu daria o céu para beijá-los novamente... Quando estamos gelados, não temos mais frio. Você não vai sentir o frio do orvalho da manhã.

MARIE — O que é que você está dizendo?

WOYZECK — Nada. (Silêncio.)

MARIE — Como a lua nasce vermelha!

WOYZECK — Como uma lâmina ensanguentada.

MARIE — O que é que você quer fazer? Você está tão pálido, Franz. (Ele brinde o punhal.) Pare, Franz! Pelo amor de Deus! Socorro, Socorro!

WOYZECK (Apunhala.) — Tome isto, e isto! Não sabe morrer? Assim! E assim! Ah, ela ainda estremece... Ainda não, ainda não? Mais ainda. (Apunhala mais uma vez.)

Você está morta? Mortal! Mortal!... (Deixa cair o punhal e corre.)

QUARTO DE MARIE

(Karl, o idiota. A Criança. Woyzeck.)

KARL (Segurando a Criança no colo, diante de si.) — Ele caiu na água, ele caiu na água, ora, ele caiu na água. —

WOYZECK — Menino! Christian!

KARL (Olha-o fixamente.) — Ele caiu na água.

WOYZECK (Quer acariciar a Criança, esta se vira e grita.) — Meus Deus!

KARL — Ele caiu na água.

WOYZECK — Christianinho, vou lhe dar um enxadão, sa, sa. (A Criança se defende; a Karl.) Ai, compre um enxadão para o menino.

HOSPEDARIA

(Sai correndo com o menino.)

KARL — (Olha-o fixamente.)
WOYZECK — Upa, Upa, cavaleinho!
KARL (Exultante.) — Upa, Upa, cavaleinho! Cavaleinho!

WOYZECK — Dancem todos, dancem sempre, suem e fedam, um dia ele virá buscá-los todos. (Canta.)

Oh, filha, minha filha,

Que foi que você pensou

Quando ficou assim presa

Aos cocheiros e carreteiros.

(Danga.) Vamos, Käthe, sente-se! Sinto calor, calor. (Tira o casaco.) E assim que acontece: o demônio busca uma e deixa a outra correr. Käthe, você é quente! E por quê? Käthe, você também vai gelar. Tenha juízo! Você não sabe cantar?

KÄTHE — Não quero ir para a Suábia.

Não quero usar saia comprida,

Saia comprida, sapato de ponta,

São para a tua empregada.

WOYZECK — Não, nada de sapatos. Também poderemos ir para o inferno sem sapatos.

KÄTHE — Que feio, amor, que indelicado.

Guarda teu dinheiro, durmo sozinho.

WOYZECK — E, isso mesmo, não quero ensanguentar-me.

KÄTHE — Mas o que é que você tem em sua mão?

WOYZECK — Eu? Eu?

KÄTHE — Vermelho! Sangue! (As pessoas rodeiam-na.)

WOYZECK — Sangue? Sangue?

sua cabeça, e beijou seus pés e cobriu-os com unção. (Bate no peito.) Tudo morto! Meu Salvador! Meu Salvador! Quero untar os teus pés!...

BELCHIOR

(Woyzeck. O Judeu.)

WOYZECK — A pistolinha é cara demais.

JUDEU — Como é, vai ou não vai comprar?

WOYZECK — Quanto custa o punhal?

JUDEU — Esta atadinho. Quer cortar o pescoco? Então, o que é? Eu vendo tão barato quanto os outros. O senhor

Vai ter u'a morte econômica. Vai ter u'a morte econômica.

WOYZECK — Corta bem mais que pão...

JUDEU — Dois vinténs.

WOYZECK — Aqui! (Sac.)

JUDEU — Aqui! Como se não fosse nada! E, no entanto, e dinheiro... Cachorro!

CASERNA

(Andres. Woyzeck remexe suas coisas.)

WOYZECK — A camiseteta não é do uniforme, Andres. Você pode usar. Esta cruz é de minha irmã, e este anel-zinho. Também tenho um santinho, dois Sagrados Corações e u'a medalhinha... Estavam na Biblia de minha mãe, e tem escrito:

Senhor! Deixa ser sempre meu coração Como foi teu corpo, vermelho e ferido.

ANDRES — Ainda está lá, com os companheiros. WOYZECK — Ele disse alguma coisa?

ANDRES — Bem, ele riu e depois disse: Que mulher gostosa! Como suas coxas são quentes, e todo o resto!

WOYZECK (Gelado.) — Então ele disse isso? O que foi mesmo que sonhei hoje? Não foi com um punhal? Que sonhos mais malucos a gente tem!

ANDRES — Para onde agora, companheiro?

WOYZECK — Buscar vinho para meu oficial. No entanto, Andres, ela era u'a menina muito especial.

WOYZECK — Nada. Adeus. (Sac.)

QUARTO DE MARIE

MARIE (Folheando a Biblia.) — "E a mentira não foi inventada de sua boca"... Meu Deus, meu Deus! Não olhe para mim! (Continua folheando.) "Mas os fariseus trou-

xeram u'a mulher diante dele, culpada de adultério, colorando-a entre eles... Mas Jesus disse: A ti também não Meu Deus! Meu Deus! eu não consigo!... Meu Deus, dai-me paz bastante para que eu possa rezar. (A criança

aconchega-se a ela.) O menino me dá uma pontada no coração. Kar! Ele se empina no soli!

BUFAO (Deitado, conta histórias segurando os dedos.) — E ele tem a coroa dourada, o senhor rei... Amanhã vou

buscar a criança para a senhora rainha... O chourigo disse ao patê: venha cá. (Segura a criança e cala.)

MARIE — O Franz não veio. Não veio ontem, nem hoje. Como esta ficando quente! (Abre a janela.) "E entrou, prostrando-se a seus pés, chorando, e começou a molhar seus

pés com as lágrimas e a enxugá-los com os cabelos de

buraco! Eu também sou homem, você sabe. Vou matar
todas as pulgas que ele carrega no corpo.
1.º APRENDIZ — Minh'alma, minh'alma fede a aguar-
dente! Até mesmo o dinheiro está apodrecendo! Oh, mio-
sotis, como é belo o mundo. Vou encher um pote de
lágrimas de saudade! Queria que nossos narizes fossem
duas garratas que pudéssemos despejar um na garganta do
outro.

ANDRES (No coro.) — Um caçador do Paladino

Aqui nos verdes campos.

A caça é minha alegria.

Cavalgava pela verde mata.

Halli, hallo, ha, a alegre caçada

(Woyzeck aparece à janela.
Marie e o Tamboreiro-mor
passam por ele dancando,
sem nota-lo.)

WOYZECK — Eiei! Eiai! Demônios!

MARIE (Ao passar dancando) — Mais, mais...

WOYZECK — (Sufocando.) Mais... mais... (Soergue-
se brusco e depois relaxa o corpo no banco.) Mais, mais!

(Bate as mãos uma na outra.) Rodem, girem! Por que Deus
não apaga o sol com um sapro, para que tudo gire na de-

sordem, homem, mulher, seres humanos e animais! Em
plena luz do dia, nas nossas próprias mãos, como os mos-

quitos! Mulher! A mulher é quente, quente! Mais, mais!

(*Ergue-se num salto.*) Como ele a agarra, o sujeito, como
segura seu corpo! Ele... ele a possui... como eu, no co-

mego. (Atordado torna a encolher-se.)

1.º APRENDIZ (Fazendo uma predica sobre a mesa.) —

No entanto, um viajor que esteja apoiado no fluxo do tempo,
que também responda a si mesmo com a sabedoria divina,

dizendo: Por que o homem é? Por que o homem é? Mas,

WOYZECK — Andres!

ANDRES — O que é?

WOYZECK — Belo tempo.

ANDRES — Tempo de domingo...

Primeiro as mulheres saíram; os homens atrás, é isso!

WOYZECK (Intranquilo) — Dance, Andres, dance.

ANDRES — Na taverna do Cavallo e das Estrelas.

WOYZECK — Dance, dance!

ANDRES — Va lá.

Sentada no jardim

Até o relógio tocar as doze,
Vigiando os soldados.

WOYZECK — Andres, não tenho paz.

ANDRES — Tolo!

WOYZECK — Tenho de sair. Minha cabeça esta girando.

ANDRES — Dance, dance! Estara com as mãos quentes! Diabo, Andres!

ANDRES — O que você quer?

WOYZECK — Tenho de ir, tenho de ver.

ANDRES — Homem intranquilo! Por causa do sujeito?

WOYZECK — Tenho de sair. Aqui esta tao quente.

HOSPEDARIA

(As janelas abertas. Danga.
Bancos diante da casa. Ra-
pazes.)

1.º APRENDIZ DE TRABALHOS MANUAIS —

Visto uma camisinha que não é minha

Minh'alma fede a aguardente...

2.º APRENDIZ — Meu irmão, quer que eu lhe faça um
buraco, só por amizade? Para diante! Quero fazer-lhe um

fique paratítico mentalmente, e que sua vida continue ape-
nas vegetativa. Mais ou menos essas são as suas perspec-
tivas para as quatro próximas semanas! Alias, posso garan-
tir-lhe que o senhor se tornará um dos casos mais interes-
santes e, se Deus quiser, sua lingua ficará parcialmente
paralisada, o que nos permitirá fazer experiências imor-
redouras.

CAPTÃO — Senhor Médico, não me assuste! Ha gente
que já morreu de susto, de puro espanto somente. Já estou
vendo os homens, com limões nas mãos. E vão dizer: Mas
ele era um bom sujeito, um bom sujeito! Que diabo, Prego
de Caixaõ.

MEDICO (*Segura o chapéu diante dele.*) — O que é isto,
senhor Capitão? Um cranio óco, senhor Rabo de Ordem
Unida?

CAPTÃO (*Franze a testa.*) — O que é isto, senhor Dou-
tor? E uma ingenuidade, carissimo senhor Prego de Caixaõ!
He, he, he! Mas nada desejo de mal. Sou um homem
bom. Mas também sou capaz de ser mau, quando quero,
senhor Doutor. He, he, he! Quando quero... (*Entra Woy-
zeck e quer passar correndo.*) Ei, Woyzeck! Correndo como
de passar pela gente! Venha cá, Woyzeck! Correndo como
uma navalha aberta pelo mundo! Seria capaz de cortar a
gente. Correndo como se tivesse de raspar o pelo dos cas-
trados no quartel e como se fosse enforcado antes de raspar
o ultimo pelo. Mas, além das longas barbas, o que é que
eu queria dizer? Woyzeck, as longas barbas...

MEDICO — Já Plínio dizia ser necessario eliminar as
longas barbas que nascem sob o queixo dos soldados.
CAPTÃO (*Continua*) — Ah, e falando das longas bar-
bas...! Como é, Woyzeck, já encontrou um fio de barba
no seu prato? He, he, he, esta compreendendo o que digo,
um sapedor, de um sub-official, de um... tamboreiro-mor?

Hein, Woyzeck? Tem mulher bem comportada. Não é co-
mo os outros.

WOYZECK — Sim, senhor! O que esta querendo dizer,
senhor Capitão?

CAPTÃO — Mas que cara voce esta fazendo!... Talvez
a barba não esteja na sopa, mas se alguém correr e virar
a esquina depressa, talvez possa encontra-la nos labios. Nos
labios, Woyzeck... Eu também já senti o amor, Woyzeck.
Gente, ele esta branco como cali!

WOYZECK — Senhor Capitão, sou um pobre diabo... e
nada mais tenho no mundo. Senhor Capitão, se o senhor
começa a zombaria...
CAPTÃO — Zombaria? Eu? Zombar de voce, homem?
MEDICO — O pulso, Woyzeck, o pulso! Rápido, duro,
pulando, irregular.

WOYZECK — Senhor Capitão, o mundo é branco como
o inferno... estou gelado, gelado... Aposto como o in-
ferno é gelado. Impossivel, gente, gente, impossivel!

CAPTÃO — Você quer... Você quer levar duas balas
na cabeça? Esta me apunhalando com seus olhos e eu só
lhe desejo o bem. Porque Woyzeck é um bom homem,
um homem bom.

MEDICO — Os músculos do rosto rígidos, tesos, as vezes
saltando. O comportamento é tenso, excitado.

WOYZECK — Vou embora. E possivel. Os homens! E
muito possivel. O tempo esta bom, senhor Capitão. Esta
vendo, um céu tão bonito, tempo firme, cinzento. E de se
ter vontade de martelar um gancho dentro dele, para a
gente se enforçar. Só por causa do tracinho existente
entre o sim e outra vez o sim e o não. Senhor Capitão,
sim e não? O não é o culpado do sim, ou o sim o do não?
Preciso pensar nisso. (*Com passos largos, primeiro lentos
e depois rápidos, afasta-se.*)

PATIO NA CASA DO MEDICO

(Estudantes e Woyzeck estão
embaixo; o Medico olha da
janela do sótão.)

MEDICO — Meus senhores, estou no teto, como Davi
quando viu Betsaba; mas só vejo as calcinhas da pensão
das meninas, secando no jardim. Meus senhores, chega-
mos à importante questão sobre a relação entre o sujeito
e o objeto. Se tomarmos apenas um objeto, no qual se
manifesta, de um alto ponto de vista, a auto-afirmação or-
gânica do divino e examinarmos sua relação com o espaço,
com a terra, com o planetário; meus senhores, se joga este
gato pela janela: como se comportará esta existência com
prio instinto? Ei, Woyzeck (grita.), Woyzecki!
MEDICO (Apanha o gato.) — Doutor, ele está mor-
dendo.

MEDICO — Vejam, segura o animal tão suavemente!
Como se fosse sua avó. (Desce.)
WOYZECK — Doutor, estou com tremedeira.
MEDICO — (Muito contente.) Ora, ora, que bom, Woy-
zeck (Estrega as mãos. Segura o gato.) O que estou vendo,
meus senhores? Um novo espécime, um piolho de coelho,
um belo espécie... (Puxa uma lente, o gato foge correndo.)
Meus senhores, esse bicho não tem instinto científico...
só come ervilhas, ha três meses. Notem o resultado, apa-
pem: que pulso irregular! O pulso e os olhos!
WOYZECK — Senhor Doutor, estou vendo tudo escuro!

(Senta-se.)
MEDICO — Coragem, Woyzeck! Mais uns dias e acabou.
Tomem-lhe o pulso, meus senhores, tomem-lhe o pulso!

(Aplaudem-lhe a frente, o pulso, o peito.) Por falar nisso,
Woyzeck, mexa com as orelhas para que os senhores vejam!
Ha muito que desejo lhes mostrar: tem dois músculos que
funcionam. Vamos, agora.

WOYZECK — Ora, senhor Doutor!
MEDICO — Animal, quer que eu lhe puxe as orelhas!
Quer agir igual ao gato? Olhem, meus senhores, esta é a
metamorfose do burro; frequentemente também é a conse-
quência de uma educação feminina e do modo de falar
das mães. Quantos cabelos sua mãe já lhe arrançou, delicadamente,
como lembrança? Há alguns dias eles estão tão
ralos! Pois é, as ervilhas, meus senhores!

QUARTO DE MARIE

MARIE — (Sentada, a criança no colo, um caco de espelho
na mão.) — O outro mandou e ele teve de ir embora!
(Olha-se no espelho.) Como as pedras brilharam! O que
são? O que foi que ele disse? Durma, menino! Feche os
olhos, feche bem! (A criança esconde os olhos com as
mãos.) Mais ainda! Fique assim, quietinho, senão ele vira
buscá-lo! (Canta:)

Menina, fecha a loja,
que o cigano vem te buscar.
Segurando tua mão ele vai
Levar-te à terra cigana.

(Torna a olhar-se no espelho.) E outro, com certeza. Será
que me assentará bem, no baile? Gente como eu só tem
um cantinho no mundo e um pedacinho de espelho. E
ainda assim tenho a boca tão vermelha quanto as grandes
madames, com seus espelhos de corpo inteiro e seus ho-
mens bonitos; que lhes beijam as mãos. Sou só uma pobre

(O Velho canta e a Criança
dança ao som do realejo.)

VELHO — No mundo não há consistência,

Todos nós vamos morrer

E sabemos disso muito bem.

WOYZECK — Ei, upa! Pobre homem, pobre velho! Pobre
criança, criança nova! Preocupações e festas!

MARIE — Homem, se os loucos têm razão então nós mes-
mos somos loucos. Mundo engragado! Mundo bonito!

(Os dois seguem até onde
está o Charlatão de Feira.)

CHARLATÃO (Diante de uma tenda, com sua mulher
vestindo calças e um macaco fantasiado.) — Meus se-
nhores, meus senhores! Vêde a criatura como Deus a fez:

nada, nada mesmo. Vêde agora a arte: anda em pé, usa
calças e jaqueta, tem uma espada! O macaco é soldado;

ainda não é muito, o mais baixo degrau da espécie humana.
Epa! Faça uma vénia! Isso... Agora um barão. De um

beijo. (Toca trombeta.) O pateta é musical. Meus senhores,
podereis ver aqui o cavalo astronômico e os passarinhos
canalhas. Favoritos das cabeças coroadas da Europa. Re-
velam tudo aos homens: a idade, os filhos, as doenças.
Começam as apresentações! Logo logo o comêço do co-
mêço.

WOYZECK — Quer ver?

MARIE — Por mim... Deve ser bonito. Quantas lante-
joulas ele tem! E a mulher, usa calças!

(Os dois entram na tenda.)

WOYZECK — Quando a natureza apaga e quando a natu-
reza apaga. Quando o mundo fica tão escuro que a gente
tem que tatear com as mãos, que a gente pensa que a natu-
reza se desfaz como uma teia de aranha. E quando uma
coisa é e também não é; quando tudo está escuro e só
resta um brilho avermelhado no oeste, como uma forja.
Quando (Caminha de um lado para o outro da sala.)...

MEDICO — Gente! Ele tateia o chão como se tivesse pés
de aranha.

WOYZECK (Põe o dedo sobre o nariz.) — Os cogumelos,
senhor doutor, é aí, é aí que esta. O senhor já viu as
figuras que os cogumelos fazem, quando crescem? Se a
gente pudesse ler!

MEDICO — Woyzeck está com a mais linda aberratio men-
talis partialis, da segunda categoria, muito bem desenvol-
vida. Woyzeck vai ganhar um aumento! Da segunda cate-
goria: ideia fixa em condições geralmente razoáveis. E
você ainda faz seu serviço de sempre? Barbeia o Capitão?

WOYZECK — Sim, senhor.

MEDICO — Come ervilhas?

WOYZECK — Sempre, senhor Doutor. E minha mulher
arranja o dinheiro das despesas.

MEDICO — Faz sua obrigação?

WOYZECK — Sim, senhor.

MEDICO — Um caso interessante. Está com uma bela
ideia fixa! Ainda vai parar no hospício! O Woyzeck vai
ganhar aumento, se se comportar direito! Mostre o pulso!

E...

WOYZECK — O que devo fazer?

MEDICO — Comer ervilhas, depois carne de aumento esta
semana. Minha teoria, minha nova teoria...

ANDRES — Tenho medo.
WOYZECK — Que silencio esquisito! E de parar a respi-
ração. Andres!
ANDRES — O que é?

WOYZECK — Diga alguma coisa! (Olha os arredores fi-
xamente.) Andres! Como está claro! Há um clarão por
sobre a cidade! Um fogo anda pelo céu do qual desce um
estrondo de trombetas. Esta se armamdo uma tempestade!
Vamos embora! Não olhe para trás! (Puxa-o para dentro
das portas.)

ANDRES (Após uma pausa.) — Esta ouvindo, Woyzeck?
WOYZECK — Silencio, tudo esta silencioso como se o
mundo estivesse morto.
ANDRES — Esta ouvindo? Estão tocando os tambores.
Temos de ir embora!

A CIDADE

(Marie (com sua criança, a
janela.) Margret. Passa a
banda militar, tendo à frente
o Tamboreiro-mor.)

MARIE (Virando a criança nos braços.) Eh, menininho!
Sara-ra-ra! Esta ouvindo? Ai vêm eles!
MARGRET — Que homem! Parece uma árvore!
MARIE — Firme nos pés como um leão.

(O Tamboreiro-mor faz uma
saudação.)

MARGRET — Ora, que olhos mais alegres, senhora vi-
zinhal! De costume não são assim.
MARIE (Canta.) — Os soldados são belos rapazes...

MARGRET — Os seus olhos estão brilhando.
MARIE — E daí? Leve os seus ao judeu para que limpe;
talvez ainda brilhem bastante para que possam ser trocados
por dois botões.

MARGRET — O quê? O quê? Madame Virgem! Sou u'a
mulher honesta, mas a senhora, a senhora conhece sete
calças e pelo lado avesso!
MARIE — Bandida! (Fecha a janela.) Venha, meu filho.
O que essa gente pensa! Mesmo que você seja apenas um
pobre filho de prostituta, sua cara desonestas alegre sua
mae! Sai! Sai! (Canta.)

Menina, que vais fazer agora?
Tens menininho e não tens marido!
E para que estar perguntando?
Vou cantar a noite inteira
Aja, popaia, meu filho, viva!

Mesmo que ninguém nada me dê.
Joazinho desatreia os seis cavalos
Da-lhes de comer outra vez!
Eles não comem aveia,
Eles não bebem água,
Quem é vinho fresquinho, viva!

(Batem à janela.)

MARIE — Quem é? E você, Franz? Entre!

WOYZECK — Não posso. Está na hora da chamada.

MARIE — Colheu as varas do Capitão?

WOYZECK — Colhi, Marie.

MARIE — O que é que você tem, Franz? Parece transstor-
nado.

QUARTO

(O Capitão sentado sobre uma cadeira; Woyzeck faz-lhe a barba.)

CAPITÃO — Calma, Woyzeck, calma; uma coisa depois da outra! Mas êle me deixa tonto! E o que é que vou fazer dos dez minutos que êle ganhou, acabando cedo demais? Woyzeck, pense: você só tem seus trinta lindos anos de vida, trinta anos! São trezentos e sessenta meses... e dias, e horas, e minutos! E o que vai fazer com todo esse tempo? Convem planificar, Woyzeck!

WOYZECK — Sim, senhor Capitão!

CAPITÃO — Tem o pelo mundo, quando penso na eternidade. O trabalho, Woyzeck, o trabalho! Eterno, êle que é eterno, êle que é eterno... Você é capaz de ver isso? No entanto, logo deixa de ser eterno, num instante, e, num instante, Woyzeck. Tenho pavor quando penso que o mundo faz uma volta num dia! Que perda de tempo! Para onde isso nos leva? Já não posso ver a roda de um moinho, Woyzeck, sem ficar melancólico.

WOYZECK — Sim, senhor Capitão.

CAPITÃO — Você está sempre tão apressado, Woyzeck! Um homem de bem não fica assim, um homem de bem,